

**RODRIGUES PINAGÉ**

Academia Paraense de Letras

---

*O Escalão*

*da Vitória*

Poema Comemorativo da Vitória das  
Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial  
(1939–1945)



*Bicentenário*  
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

---

Edição Digital

**RODRIGUES PINAGÉ**

# O ESCALÃO

---

---

Poema Comemorativo da Vitória das Forças Aliadas  
na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

# DA VITÓRIA

---

---

**Organizadores:**

ANAIZA VERGOLINO E SILVA

HILTON PEREIRA DA SILVA

JEFFERSON BIAJONE

*Bicentenário*  
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

---

---

**Edição Digital**

# Uma iniciativa de resgate, valorização e preservação da Memória e dos Feitos dos Pracinhas da Amazônia

pelas entidades



**Instituto Histórico e Geográfico do Pará**  
**Academia Paraense de Letras**  
**Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Pará**  
**Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo – SP, Brasil)

Pinagé, Rodrigues

O Escalão da Vitória [livro eletrônico] /  
Rodrigues Pinagé ; organização Jefferson  
Biajone , Hilton Pereira da Silva , Anaiza  
Vergolino e Silva. -- Itapetininga, SP :  
Gráfica Regional, 2022.

PDF.

ISBN 978-85-65703-47-5

1. Brasil. Exército 2. Força Expedicionária  
Brasileira 3. Poesia brasileira 4. Segunda  
Guerra Mundial, 1942-1945 I. Biajone, Jefferson.  
II. Silva, Hilton Pereira da. III. Silva, Anaiza  
Vergolino e. IV. Título.

22-105385

CDD-B869.1

## **Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# SUMÁRIO

	Página
<b>1ª Nota de Apresentação</b>	
José Maia Bezerra Neto .....	04
<b>2ª Nota de Apresentação</b>	
Hilton Pereira da Silva .....	06
<b>Prefaciadores Convidados</b>	
Ivanildo Ferreira Lopes .....	09
Ronaldo Menezes .....	13
Jefferson Biajone .....	16
<b>O Escalão da Vitória</b>	
Homenagem aos Pracinhas do Brasil .....	18
I Estrofe .....	19
II Estrofe .....	19
III Estrofe .....	20
IV Estrofe .....	20
V Estrofe .....	21
VI Estrofe .....	21
VII Estrofe .....	22
VIII Estrofe .....	22
IX Estrofe .....	23
X Estrofe .....	23
XI Estrofe .....	24
XII Estrofe .....	24
XIII Estrofe .....	25
XIV Estrofe .....	25
XV Estrofe .....	26
XVI Estrofe .....	26
XVII Estrofe .....	27
XVIII Estrofe .....	27
XIX Estrofe .....	28
XX Estrofe .....	28
XXI Estrofe .....	29

## 1ª Nota de Apresentação da Edição Digital

### O Escalão da Vitória

*José Maia Bezerra Neto (\*)*

Desde setembro de 1939, havia sido iniciada a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Até 1943, houve a fase de vitórias e expansão da Alemanha nazista. Mas, graças aos esforços de guerra dos aliados, o destino da guerra estava mudando em favor da liberdade e da democracia com a derrota do fascismo.

Neste contexto, em 31 de agosto de 1942, houve a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e a Itália.

Ainda que a ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945) guardasse simpatias com os regimes autoritários da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini, tornava-se insustentável no cenário nacional e internacional a neutralidade brasileira, quando, por exemplo, houve o afundamento pela marinha de guerra alemã de 19 navios brasileiros nas águas do Atlântico.

Declarada a guerra contra as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), houve o decreto de criação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) assinado em 9 de agosto de 1943.

Apesar da expectativa de uma força militar de 100 mil homens, o contingente da FEB foi constituído por 25.445 homens para atuar na guerra, coadjuvando as forças norte-americanas na Campanha de Libertação da Itália.

450 soldados brasileiros morreram e outros cerca de três mil ficaram feridos no decorrer da campanha do Brasil no Norte da Itália.

Como parte do esforço de guerra brasileiro contra o nazi-fascismo, foi criada a Força Aérea Brasileira (FAB).

Debaixo do lema “Senta a Pua”, destacou-se a atuação do 1º Grupo de Aviação de Caça (GAC), equipado com aviões P47 Thunderbolt. Constituída por 374 militares e 28 aviões, teve 16 aeronaves abatidas, 5 pilotos mortos e outros 5 feitos prisioneiros.

A Marinha de Guerra brasileira também, obviamente, se fez presente no esforço de guerra como parte das operações beligerantes nas águas do Atlântico.

Em 16 de julho de 1944, as primeiras tropas brasileiras chegaram na Itália. Lutando ao lado do exército dos EUA e de efetivos de outros

países aliados, os brasileiros conseguiram expulsar os nazistas que ainda resistiam no norte da Itália.

Durante a campanha da Itália, a FEB, em setembro de 1944, libertara Massarosa, Camaione e Monte Prano.

No início do ano seguinte, em 1945, ajudaram a libertar do domínio nazista pontos estratégicos como Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Vitórias importantes para a futura libertação da cidade de Bolonha. Enfim, em maio de 1945, a guerra terminou na Europa.

Na campanha da Itália, são estimados que, entre setembro de 1943 e abril de 1945, os aliados tiveram cerca de 60 mil soldados mortos e os alemães tiveram por volta de 50 mil óbitos.

As baixas das tropas aliadas no total (incluindo mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros) chegou a 320 mil e as das forças do Eixo (excluindo os que se entregaram na rendição final) foi de 658 mil.

Deve ser observado que, nenhuma outra campanha na Frente Ocidental ou no Mediterrâneo custou mais perdas de vidas de infantaria do que a campanha na Itália, o que demonstra o esforço de guerra envolvido e a sua magnitude.

Neste sentido, somente o "complexo de vira-lata" tão cultuado pelas elites brasileiras, que em seu medo crônico da capacidade de luta do povo brasileiro tentam sempre desmerecer seus feitos e conquistas, pode explicar porque depois se desqualificou a importância da atuação da FEB na Segunda Grande Guerra, diminuindo seu esforço, sacrifício, coragem e colaboração na guerra contra o fascismo, em defesa da liberdade.

Guerra contra o fascismo que, nos dias de hoje, ainda se faz importante e necessária na defesa dos valores democráticos do Estado de Direito brasileiro e dos direitos do exercício pleno da cidadania.

Enfim, a reedição do poema "O Escalão da Vitória", de Rodrigo Pinagé, grande nome das letras nacionais, particularmente amazônicas, surge em boa hora, envolvendo o Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP e a Academia Paraense de Letras – APL.

Que possamos ler, declamar, refletir as palavras poéticas de seu autor, nos lembrando que na defesa da liberdade e da democracia jamais devemos esmorecer.

Belém do Pará, 17 de junho de 2022, ano do bicentenário da independência brasileira.

*(\*) Vice Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.*

## 2ª Nota de Apresentação da Edição Digital

### O Escalão da Vitória

*Hilton Pereira da Silva (\*)*

José Rodrigues Pinagé, nasceu em Natal, em 29 de outubro de 1895, e faleceu em Belém, em 1973. Foi poeta de verve lírica e satírica; foi trovador, tipógrafo, jornalista e servidor público, sendo conhecido como o “Príncipe dos Poetas Paraenses”, título oficial recebido do governo do estado do Pará, em 1964.

Pinagé é considerado uma das mais ilustres figuras da literatura de nosso estado, tendo ocupado a cadeira de número 36 da Academia Paraense de Letras (APL), patronímica de Terêncio Porto.

Juntamente com poetas e escritores do calibre de Bruno de Menezes, Jacques Flores, Muniz Barreto, Dalcídio Jurandir, Vicente Salles entre outros expoentes da literatura regional, Pinagé foi parte da “geração peixe frito”, também conhecida como “Academia do Peixe Frito”, que ficou famosa entre as décadas de 1920 e 1950 pelas atuações frequentes no mercado de ferro do Ver-o-Peso e pelas incursões noturnas nos bairros boêmios, nos bares e cafés dos subúrbios da Cidade das Mangueiras, visando mostrar suas ideias, escritos e poesias nesses locais como forma de resistência aos rígidos cânones literários e sociais então vigentes.

Pinagé recebeu homenagem através da densa biografia feita pelo igualmente ilustre escritor e também membro da APL, ocupante da cadeira 22, bem como de nosso Silogeu, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), na cadeira 57, Clovis Silva de Moraes Rêgo. Em 1964, Rêgo proferiu sobre Pinagé o seguinte:

“...Não sei se mais o admiro na musicalidade de seus sonetos cândidos e enternecedores ou se na exuberância de seus longos e pomposos poemas. Se nos borbotões de sua inigualável fonte vocabular, transbordante de poesias, sem os rigores da métrica, do ritmo e da rima, ou se no luxo a que se entrega, como primoroso manejador da palavra, nas composições de roupagens faustosas e requintado trabalho” (Contracapa do LP *Pinagé O Poeta e seu Canto*. Governo do Estado do Pará, 1967).

Ao revisar os manuscritos que levaram à produção do livro do pracinha Orestes Barbosa Mourão, *Eu e a Força Expedicionária Brasileira* (2022), tive a oportunidade de conhecer a obra **O Escalão da Vitória**, extenso poema comemorativo da vitória das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, apresentado por Pinagé em cerimônia solene na Associação dos Ex-combatentes do Brasil, Seção Pará (AECB-PA), em 8 de maio de 1953.

O livro de memórias de Orestes, um presente para os entusiastas da participação brasileira e Amazônica na Grande Guerra que, assim como esta obra, foi publicado como E-book, graças à parceria entre o IHGP, a APL, a Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP, menciona uma série de fontes históricas e entre elas este poema, uma rara obra lírica em meio a um mar de relatos sobre os violentos e atrozamentos da Guerra.

Através de elementos figurativos e técnica própria do autor, o poema, um pouco ao estilo da Odisséia, relata a trajetória heroica dos pracinhas desde a conjuntura que levou o Brasil a ingressar na Guerra, até o retorno dos que sobreviveram as duríssimas batalhas e o ambiente inclemente da Itália entre 1944 e 1945.

Mas, uma vez conhecida sua existência, não foi tarefa fácil localizá-lo. Embora figura relevante da literatura paraense e nacional, infelizmente há pouquíssimo material acadêmico disponível sobre a vida e a obra de Rodrigues Pinagé, e seus escritos não se encontram em nenhuma fonte digital ou na internet, o que torna a disponibilização on-line desse poema agora ainda mais relevante para a história e a literatura paraense.

De fato, os materiais encontrados sobre o poeta, além de algumas menções ao seu nome como membro da APL e da Academia do Peixe Frito em artigos e dissertações, se resumem ao supramencionado LP, lançado em 1967, no qual ele declama algumas de suas obras principais; a biografia *Pinagé O Poeta e o seu Canto: Vida e Obra do Príncipe dos Poetas do Pará*, escrita por Rêgo, publicado em 2003, o livro *Obras Completas (Poesias)*, publicado em 1987 pela editora SEJUP e o poema **O Escalão da Vitória**, publicado pela Livraria Pará-Intellectual, em 1953, para a solenidade na AECB-PA. Todos são atualmente obras raras e nenhum havia sido ainda digitalizado.

Após intensa busca cheguei ao Instituto Cultural Boanerges Sena (ICB), instituto-biblioteca privado localizado em Santarém, que contém parte importante do acervo bibliográfico produzido no Pará, inclusive diversas obras dos membros da APL, como os poemas do



Pinagé. Este importante acervo, lamentavelmente, permanece praticamente desconhecido fora daquele município e certamente merece mais suporte e gratidão pelo excelente trabalho de preservação da memória literária paraense.

Solicitei ao Instituto e me foi gentilmente enviado pelo Sr. Cristovam Sena o poema completo, bem como a permissão para sua reprodução digital, que agora chega às mãos dos leitores, 69 anos após sua declamação para uma grande audiência de pracinhas e familiares no salão nobre da AECB-PA.

Agradeço ao Professor Jefferson Biajone, do Portal dos Ex-combatentes de Itapetininga/SP, que nos procurou em dezembro de 2021 para iniciarmos juntos essa jornada de resgatar e disponibilizar no *Acervo Digital Pracinhas da Amazônia* (vide QR Code) do IHGP, a história dos pracinhas paraenses e do Contingente da Amazônia, e com ela também esta bela homenagem poética que ora apresentamos.



Agradeço à direção do IHGP, que assumiu integralmente este compromisso conosco, a parceria da APL, que nos permitiu conhecer um pouco mais sobre a obra de Rodrigues Pinagé, a UFPA, nossa *Alma Mater* e suporte institucional, e a parceria do Prof. Elton Sousa ao longo de quase uma década de dedicação aos nossos queridos pracinhas, que jamais poderão ser esquecidos.

No ano em que uma outra guerra fratricida assola o território europeu, no qual se comemora o bicentenário da luta pela independência do Brasil, e quando nossas instituições e valores se veem novamente ameaçados, os versos de Pinagé nos lembram:

Volte apenas o cérebro que pensa,  
enrolado num trapo de bandeira,  
glorificando a terra brasileira  
e revendo-a mais forte e mais feliz!

Belém, 8 de julho de 2022.

(\*) Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CEAM/UNB). Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, fundador da Cadeira 52, patronímica do professor Eidorfe Moreira.

## 1º Prefácio da Edição Digital

### O Escalão da Vitória

*Ivanildo Ferreira Lopes (\*)*

O poeta maranhense Ferreira Gullar referiu-se à paz como “a rosa após os terremotos”. Por sua força de destruição, o poeta compara a guerra a um cismo, que estremece a terra e esparge seu halo de destruição por grandes distâncias. Abala os mares, escurece o céu, revolta as águas oceânicas. Vidas são encurtadas pela insensatez das guerras. Populações inteiras são arrasadas. Fome, inflação, desgraças sociais. Justas ou injustas, as guerras representam o desvairamento ou o desatino da política, conduzida por seres humanos, por mentes atávicas, por vezes.

A doutrina da guerra justa (*jus ad bellum*) é uma visão de mundo que elabora as regras de comportamento humano a definir em que reais condições a guerra é uma ação moralmente aceita. A alusão doutrinária indica particularmente à guerra preventiva e o conceito de prova do *casus belli* tem pouca relevância. A formulação não é nova. Foi levantada por Agostinho de Hipona (354-430).

Defenderam a guerra justa São Tomás de Aquino, Hugo Grócio, Francisco Suárez e Christian Wolff, dentre outros luzeiros do pensamento humano. Partindo da racional visão de que a guerra é o cimo da insensatez nas sociedades humanas, preferível é, se não há outro rumo a seguir, alinhar-se na ampla frente das guerras justas. Para o Brasil – registra a história – a entrada na Segunda Guerra Mundial teve como propósito a defesa de um mundo livre, onde a livre determinação dos povos, na busca do próprio destino, representasse um valor maior.

Nesse sentido, todos os esforços de uma nação ou de um povo, em suas forças vivas, devem voltar-se para alcançar esse fim justo.

A arte, como manifestação do espírito humano, em todas suas conformações e corporaturas, não pode escapar dos empenhos e diligências das operações bélicas, quer para denunciar seus excessos, quer para servir de bálsamo para os que empregam o corpo e a alma na persistência da luta.

É trabalho indeclinável do artista, do escritor, do poeta, registrar em silhuetas simples, as imagens da guerra, que muitas gerações

visualizarão, para preveni-las, evitá-las e a verdade, que a arte representa, sob o prisma do artista, se perpetuará ao longo das eras.

Em sua crítica severa à Segunda Guerra Mundial, o poeta Vinícius de Moraes, comparou o cogumelo atômico disparado em Hiroshima, como uma “Rosa com Cirrose”.

O engenho humano empregado para destruir, para matar todo tipo de vida, animal e vegetal, para contaminar mananciais, para satisfazer a ganância humana. Em um mundo perfeito, de sonhos, de esperança e de luz, não deve existir espaço para guerras, para batalhas, para combates.

Porém, quando as guerras são inevitáveis, aqueles que a alimentaram com seus corpos, com suas vidas ou a ela sobreviveram pela energia da mente e do corpo, pela bravura, merecem ser sempre lembrados, jamais esquecidos. Que seus feitos permaneçam, vençam os séculos e o tempo e o seu exemplo nunca mais pereça.

Procurando imagens no fundo da memória, nos escaninhos da História Militar, trago para esta crônica preambular, um episódio, que me provoca arrepios, sempre que narro para alguém, ocorrido na Guerra do Paraguai.

O destaque é de um brasileiro chamado Marcílio Dias, que ingressou na Armada Imperial como grumete, que é o recém incorporado na Marinha de Guerra, no ano de 1855, sentando praça no Corpo de Imperiais Marinheiros em 5 de agosto desse ano.

Em 1856, embarcou na corveta Constituição e, logo após, no navio Tocantins, com o então Capitão-de-Fragata Francisco Manuel Barroso da Silva, como seu comandante. Marcílio Dias chegou a *Marinheiro de Primeira Classe*, o equivalente hoje à graduação de Cabo na Marinha do Brasil.

Em 6 de dezembro de 1864, quando o Almirante Tamandaré iniciou o cerco a Paysandú, durante a Campanha Oriental (1864-1865), Marcilio Dias teve o seu batismo de fogo contra as forças do Uruguai.

Durante o assalto final à Praça-forte de Paysandú em 31 de dezembro de 1864, uma batalha que durou 52 horas, terminando em 2 de janeiro de 1865, Marcílio Dias foi um dos mais bravos combatentes, tendo ficado famoso o seu grito de “vitória”, quando subiu à torre da Igreja Matriz de Paysandú acenando para os seus companheiros com a Bandeira do Brasil.

Todavia, Marcílio dias, tornou-se realmente herói nacional, na Batalha Naval do Riachuelo, sucedida em 11 de junho de 1865, no início da Guerra da Tríplice Aliança.

A corveta brasileira denominada Parnaíba, se viu cercada por três vasos de guerra paraguaios, Marcílio Dias mostrou sua fibra de soldado e combateu corpo a corpo quatro soldados paraguaios que pretendiam arrancar do mastro da Parnaíba a bandeira brasileira. Armado com um sabre, ele fez tombar dois soldados paraguaios até ser socorrido por companheiros de farda. Na luta travada, Marcílio Dias teve um dos braços decepados a golpe de sabre na defesa do pavilhão brasileiro.

Mortalmente ferido, Marcílio Dias expirou no dia seguinte, com apenas 27 anos de idade, sendo sepultado sob as honras militares, enterro realizado nas próprias águas barrentas do rio Paraná, em 13 de junho de 1865, levando consigo a gratidão de sua pátria.

Seu exemplo continua a incentivar a juventude que opta pelo dever cívico de se preparar para a defesa do Brasil, do seu território, de seu povo.

Após quase nove décadas em que apagaram-se os últimos incêndios provocados pela II Guerra Mundial, foram muitas as obras escritas abordando o grande conflito, sob diversas angulações.

Os impactos econômicos, as migrações, a criação de organizações internacionais que buscam prevenir novos conflitos, a geopolítica, a tecnologia acumulada ao longo de quase um século do pós-guerra, sedimentados em trabalhos intelectuais.

Os homens e mulheres que possuem a capacidade de reflexão, contribuindo com o óbolo de seus comentários para o conhecimento de todos os fenômenos, inclusive os fenômenos da guerra.

O Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), por seus dirigentes, nos premia com a descoberta de um poema épico, da lavra da genialidade de Rodrigues Pinagé. Um poema magnífico, esplêndido em conteúdo, sublime nas imagens, admirável no tema, fabuloso nas metáforas.

Ao invocar a memória dos heróis da pátria, dos verdadeiros heróis da pátria, que doaram seu sangue, seus corpos e sua vida para defender o Brasil, na IV estrofe, Rodrigues Pinagé, convoca a memória de Marcílio Dias, para fechar os mares e de Santos Dumont para vigiar os ares. Despede-se da pátria o poeta, em nome da soldadesca, que parte para lutar na Europa, levando consigo as

imagens e as lembranças dos pampas, dos seringais, da Amazônia, do Tapajós, da Vitória-Régia, da garoa paulistana.

A Força Expedicionária Brasileira despede-se da Baía de Guanabara, que verte suas lágrimas para o bravo soldado, o pracinha brasileiro, que parte para a batalha. Segue em direção ao Atlântico, para vencer suas águas e enfrentar o inimigo, do outro lado do mundo. O poeta traceja a travessia e a chegada em Nápoles. Os pracinhas rodeando o Vesúvio, conquistando a cidade eterna, ainda Livorno, Camaiore, Fornaci, Barga. Nos montes Apeninos, o canto epopêico relata a tomada de Monte Castelo, as centenas de brasileiros mortos na batalha italiana.

O poeta menciona em seu canto febril, a Força Expedicionária Brasileira, a FEB e seu comandante, o general Mascarenhas de Moraes. Caíram sob o manejo do fuzil do grande general brasileiro Montese, Castelnovo, Zoca e Tole, Formígene, Parma, Colechio e Fornovo, Piacenza, Cremona, Lodi, Alessandria, Turim, Suza, uma a uma, são tomadas pelo Exército Brasileiro, desacreditado no início do conflito.

Pinagé não esqueceu os mortos que tombaram na guerra. “Se ao Brasil mil bravos regressavam, outros dormiam no gelado chão, no triste campo santo de Pistoia. Construíram escadas para a glória e escreveram nas páginas da história.”

Em abnegado esforço, o professor Hilton Silva, do IHGP e o professor Jefferson Biajone, do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP, procuram resgatar não apenas a memória de Rodrigues Pinagé, um dos imortais da Academia Paraense de Letras (APL), que tenho a honra de presidir, mas também um aspecto interessante de nossa história recente, que é a participação brasileira na II Guerra Mundial.

Nessa luta de ambos, os professores Hilton Silva e Jefferson Biajone contam com meu total apoio e incentivo, e a APL só tem a agradecer pela louvável iniciativa que tiveram em ter **O Escalão da Vitória** de Rodrigues Pinagé publicada em edição digital comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil.

(\*) *Presidente da Academia Paraense de Letras.*

## 2º Prefácio da Edição Digital

### O Escalão da Vitória

*Ronaldo Menezes (\*)*

Não me parece coincidência que a reedição do poema **O Escalão da Vitória**, do nosso querido e mui festejado Rodrigues Pinagé, grande vulto da nossa literatura, esteja também num contexto de guerra, desta vez tão ou até mais grave que o conflito que se estendeu de 1939 a 1945. A Segunda Guerra Mundial deixou um saldo catastrófico de mais de 70 milhões de mortos e graves e duradouros problemas sociais e políticos.

Não é coincidência porque a invasão da Polônia, em 1º de setembro de 1939, não é mais uma mera data histórica, longe no tempo. Os 70 países envolvidos no conflito, inclusive o Brasil, não eram todo o mundo. Os mais de 100 milhões de militares mobilizados em campos de batalha mancharam para sempre os chãos da Europa, com o seu sangue e o dos que, em nome de algum ideal, morreram, e nova mancha com sangue de irmãos se espria nas terras do Leste europeu, como em outros lugares do nosso pequeno planeta.

Um novo conflito cobre de penumbra a terra novamente e traz consigo os mesmos temores dos dias passados. Esta poderia ser de fato denominada de uma verdadeira guerra mundial, pelo número de nações que envolve, mais de 140, que se posicionam contra o conflito bélico, opõem-se à invasão armada descabida, por não ser uma guerra de necessidade, mas de escolha; embora já se tenha dito que ela seria “justa”, de justa nada tem, pois não se configura em legítima defesa, que exija força militar, não tendo, portanto, nenhuma legitimidade moral.

Ademais, esta guerra, por parte do invasor, não possui respaldo algum dos princípios que regem a doutrina da guerra justa. Sua intenção é expansionista e destrutiva, em total desrespeito à dignidade da pessoa, além de ferir gravemente o princípio que uma nação tem de determinar o seu destino e o do seu povo.

Isto se torna mais grave, em se tratando de uma intenção deliberada sem necessidade; ainda porque um mal não se impõe limites, mas procura expandir-se o quanto pode, e força condições, até se estabelecer como modo único, pensamento único, sistema único, matando a liberdade de um e de todos.

Morta a liberdade, este poder que o homem tem de ser ele mesmo, sem nenhum tipo de coação que o impeça de agir ou não agir, fazer ou deixar de fazer, morre também o homem enquanto ser dotado de livre arbítrio; com ele, morre também nossa frágil humanidade.

É nesse preocupante contexto de ataque novamente à liberdade e a autodeterminação dos povos, de desrespeito à dignidade da pessoa, da violação de todos os direitos, até o de existir, que o belo poema de Rodrigues Pinagé deve ser lido, pois ele canta a liberdade, mesmo que conquistada pelo sangue de soldados valorosos que, ao lutar longe de sua Pátria, não a tinham distante, mas o amor por ela, e pelo que ela representa perenemente, pulsava com as batidas do coração, no mesmo ritmo, o mesmo ardor, igual intensidade, enquanto se tomava o Monte Castelo.

O poema do Pinagé retrata a bravura do soldado brasileiro, dos nossos Pracinhas, que, mesmo em condições desfavoráveis, venceram o inimigo comum, não por desejo de guerrear, nem o de matar, mas para assegurar a liberdade de que todos são merecedores. Lutaram para assegurar o direito de uma país existir livre e sem tutela de nenhuma nação estrangeira, o direito de no seu país os seus concidadãos viverem em paz, de suas famílias andarem seguras, protegidas contra todo tipo de violência.

A guerra não é um bom caminho, nem uma sábia escolha, mas os soldados brasileiros não pecaram de estultícia, senão buscaram o nobre fim a que os povos todos almejam e desejam, o de viverem livres e felizes.

Enquanto leio e releio o poema, como que me batem no peito, com a força de um forte vento, estas palavras:

*Chegara a vez dos homens de Caxias.  
Zenóbio, encarna o Marechal Argolo!  
O Exército da FEB, como um rolo,  
Vence as escarpas e os espinhos nus;  
Avança! Avança! – brada Mascarenhas  
Quero esta fortaleza conquistada  
E a flâmula auri-verde desfraldada  
Pela grande Nação de Santa Cruz!*

Não são palavras passadas, nem antigas, mas atuais e vivas, rejuvenescidas pelo ideal da liberdade imorredouro. São o 21 de

fevereiro permanente, que não passa nem morre nos filhos da “grande Nação de Santa Cruz”.

Muitos dos nossos tombaram, assinando com seu sangue o “monte maldito”, tirando-lhe a maldição porque no sangue está a vida, trazendo para a noite escura do infortúnio a luz de novos dias, brilhantes e reluzentes como o sol da liberdade.

Dizem que, ao tomarem o monte, a tropa gritou: “Castelo é nosso!”, e este som ecoou monte abaixo, em uníssona vibração. “Castelo” era um pesadelo, mas os pesadelos não resistem ao Sol que ilumina todo homem. “Monte Castelo estava dominado”, canta Pinagé.

Imagino, ao pensar esse histórico poema, o preço de todas as lutas, as vidas perdidas, certamente, mas também, e sobretudo, as vidas que foram salvas, as vidas que viriam a ser desenvolvidas e vividas, sob o império da liberdade, e os nossos soldados, heróis de dias memoráveis, voltavam para casa conscientes de que sua luta, esta sim, tinha um fim nobre, e a travada não foi por motivo vão, sem uma razão justa; havia um perigo que atingia a todos, como os atuais que nos rondam. Diz Pinagé:

*Não era o derradeiro cumprimento;  
 Não era o último adeus que ali trocavam,  
 Pois, se ao Brasil mil bravos regressavam,  
 Outros dormiam no gelado chão;  
 No triste Campo Santo de Pistóia,  
 Construíram escadas para a Glória  
 E escreveram nas páginas da História  
 O episódio imortal de uma Nação!*

O canto da liberdade do nosso grande poeta atualiza os sonhos que todos nutrimos de não sermos jamais prisioneiros de nenhum tipo de tirania, mas vivamos sob a bandeira desfraldada da vida livre e feliz!



### 3º Prefácio da Edição Digital

#### O Escalão da Vitória

(\*) *Jefferson Biajone*

É com grata alegria e expressiva satisfação que o trabalho em conjunto realizado pelas entidades Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), o Comando Militar do Norte (CMN), o Comando Militar da Amazônia (CMA), a Academia Paraense de Letras (APL) e o Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP em prol da iniciativa *Acervo Pracinhas da Amazônia* apresenta a edição digital comemorativa do Bicentenário da Independência de ***O Escalão da Vitória*** (2022).

Obra ímpar na bibliografia e na historiografia da participação do Brasil nos campos e ares da Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945), ***O Escalão da Vitória*** de Rodrigues Pinagé reúne em seus versos a epopeia vivenciada pelo Soldado Brasileiro na luta pela Liberdade e pela Democracia naquele que foi o maior conflito armado do século XX, ao mesmo tempo que retoma sua epopeia em outro maior conflito armado, mas do século XIX, a Guerra do Paraguai.

Ao referenciar ambos os momentos históricos, Pinagé evidencia que o soldado do Exército Imperial e o soldado da Força Expedicionária Brasileira compartilham das mesmas angústias, das mesmas incertezas, do mesmo assombro perante a grandiosidade da missão que têm pela frente, norteados pela liderança e pelo exemplo de seus chefes militares Duque de Caxias, Marechal Mascarenhas de Moraes, Marechal Argolo, General Zenóbio e General Gurjão.

Soldados estes, em síntese, do Exército Brasileiro, que nas palavras do General Octávio Pereira da Costa<sup>1</sup> é *gente de todas as terras, de todos os sangues, condições, matizes, dimensões. Gente de todos os destinos, desafios e caminhos. Gente diversificada, heterogênea, desigual, inquieta. Gente movimentada, aberta e colorida: ativa, musical, humana e viva.*

A iniciativa digital do *Acervo Pracinhas da Amazônia* busca reunir as experiências dessa gente guerreira salientada pelo General Octávio, em particular daquela gente advinda da Amazônia, cujos relatos, testemunhos e escritos de sua participação na 2ª Guerra Mundial agora se encontram em edições digitais comemorativas do Bicentenário da Independência, de livre acesso para *download* em

<sup>1</sup> DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO. **Cadernos de Liderança Militar**. Rio de Janeiro: DECEX. Volume 1. Número 1. 2022. Página 82.

PDF e compartilhamento via leitura de QR Code por dispositivo móvel, para além das limitações físicas e temporais do papel, existindo e transitando, agora e doravante, na Era Digital.

Imbuídos dessas condições e do propósito de serem levados adiante para o século XXI, em formato que reconhecidamente lhes é cada vez mais afeito e preponderante, qual seja, o digital, que prosa e poesia, relatos, testemunhos, imagens e sons de nossa gente combatente da Amazônia foram, neste ano do Bicentenário, reunidos no *Acervo Pracinhas da Amazônia* do Portal do IHGP.



The screenshot shows the website header for the Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP). It includes a logo on the left, the text 'IHGP INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ' in the center, and a photograph of a building on the right. Below the header, there is a breadcrumb trail: 'Você está aqui: Home > Acervo Pracinhas da Amazônia'. A vertical navigation menu on the left lists various sections, with 'Acervo Pracinhas da Amazônia' highlighted. In the center, there is a map of Brazil with the Amazon region highlighted in green, labeled 'Acervo Digital'. To the right of the map is a QR code. Below the map, the text ':: Pracinhas da Amazônia ::' is displayed. A 'Imprimir' link is visible in the top right corner of the page content.

**Imagem.** Página do Acervo Digital Pracinhas da Amazônia pertencente ao Portal do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (vide QR Code acima à dir. para acesso).

O *Acervo Digital Pracinhas da Amazônia* foi disponibilizado online em 26 de Abril de 2022, data rememorativa da participação da Força Expedicionária Brasileira na Batalha de *Collechio* na Itália, que seguida da Batalha de *Fornovo di Taro*, resultou na vitória das Armas Brasileiras na espetacular rendição de toda uma divisão alemã, a 148ª com 2 generais, 14.779 alemães e italianos, 4.000 animais e 2.500 viaturas, nas jornadas de 28 e 29 de Abril de 1945.

Meus agradecimentos à Dra. Anaíza Vergolino e Silva, ao Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto e ao Prof. Dr. Hilton José Pereira pela oportunidade de poder contribuir com a criação e inclusão digital do *Acervo Pracinhas da Amazônia*.

(\* ) Presidente do Portal Paulistas de Itapetininga/SP.

# O ESCALÃO DA VITÓRIA

Homenagem aos Pracinhas do Brasil



Poema declamado por **Rodrigues Pinagé**  
Membro da Academia Paraense de Letras



em Sessão Solene de **8 de Maio de 1953**  
– Comemorativa do 8º Dia da Vitória – da  
Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Pará (AECB-PA)





## I.

Guerra de 39. Os continentes  
sentiram fortes comoções estranhas.  
Convolveram-se vales e montanhas  
no segundo conflito que estalara;  
Lamentando a desdita de outros povos  
e, ainda mal refeita, entre destroços,  
estoica, a Europa venerava os ossos  
da avalanche de heróis que ali tombara.

## II.

Respiravam as plácidas Américas  
suave atmosfera de neutralidade.  
Capitulára a França. A iniquidade  
ameaçava as fronteiras de além-mar;  
Eis que, nos ares da formosa Havana,  
ouveu-se a voz contra a agressão comum:  
– “UM POR TODOS!” Também, TODOS POR UM!”  
Temos a Pátria e um povo a respeitar!



### III.

Não nos julgue covardes a horda infrene.  
Não tememos o horror do cataclismo!  
Seremos sempre um exemplo de heroísmo,  
se Pearl Harbor é um exemplo de traição!  
Se ousa ferir a nossa integridade,  
quebrem-se os laços da amizade antiga!  
Roosevelt estende a tua mão amiga;  
Getúlio abraça o americano irmão!

### IV.

Convoque-se a memória de Marcílio;  
Cerquemos de defesa os nossos mares;.  
Feche, Santos Dumont, os nossos ares,  
para a tranquilidade do Porvir;  
Descendemos de heróis – sejamos fortes!  
se os inimigos nossa honra ultrajam;  
se em grandeza ou em Força se avantajam,  
o Brasil é maior! TOCA A REUNIR!



## V.

Adeus, Pampas! Cochilas e garôas!  
 Adeus, formosa gleba tapajônia!  
 Adeus, Vitória-Régia da Amazônia!  
 Adeus, querida mãe! Adeus, meu lar!  
 Levo em meu flanco, desfraldada ao vento,  
 a imagem de vós todos, retratada  
 numa nêsga da Pátria imaculada:  
 – Meu Pavilhão que saberei honrar!

## VI.

Despontára a manhã de 2 de Julho.  
 Aguerrida, silente e sobranceira  
 Força Expedicionária Brasileira  
 singrava, ansiosa, a vastidão do mar;  
 Nos profundos abismos da baía,  
 Guanabara, espumante, soluçava;  
 De longe, a tropa os olhos mergulhava  
 nos abismos do abraço de Jesus!



## VII.

O sol cravava os espadins de prata  
no dorso do alto-mar. Ondas incalmas,  
no costado da nau batiam palmas,  
movidas pela viração do Sul;  
Como confôrto à trajetória incerta,  
parecia que a mão da Natureza  
desenhava um braço, na correnteza  
e um véu de glória, em cada onda azul!

## VIII.

Dias depois... Outra manhã radiosa!  
Nápoles resplandia, ao sol nascente;  
Voltou à realidade a brava gente  
e o mistério, afinal, se desvendou:  
Era o início do trágico espetáculo!  
O olhar do lobo-contra o olhar da ovelha,  
como da França, a humílhima centelha,  
sob o fogo infernal de Waterloo!



## IX.

Quadro dantesco deslumbrou a Itália:  
 Bem perto, a COBRA do Escalão “fumava”  
 e, entre o céu penumbrado e o chão de lava,  
 o Vesúvio “fumava”, na amplidão!  
 Dir-se-ia dois Titãs medindo Forças;  
 duas fauces tragando cordilheiras;  
 Uma o Escalão das tropas brasileiras;  
 Outra era mesmo a fauce do vulcão!

## X.

Unido a outro, o esbelto contingente,  
 cruzando Roma e a conquistar Livorno,  
 ei-los do campo da batalha em tórno,  
 sitiando Camaiore, em fogo hostil;  
 Ante a primeira e emocional vitória,  
 Zenóbio, sentiu aço na epiderme!  
 Fornaci, Barga e, além, Porreta Terme,  
 foram prêsas das Forças do Brasil!





## XI.

Numa cadeia de escarpados montes,  
Monte Castelo, a enorme fortaleza,  
preparava a estratégica defesa  
para as forças aliadas rechassar;  
Do alto dos Apeninos, o inimigo  
descortinando a gélida planície,  
lançava fogo em tôda a superfície...  
Ninguém o poderia conquistar!...

## XII.

Uma... duas... três vezes...  
na investida a avalanche de bravos recuára  
e, a cada uma invasão mortos deixára  
em centenas soldados pelo chão;  
Diante do quadro tétrico da morte  
apagavam-se os raios da esperança  
como se apaga a estrêla da bonança  
aos olhos dos que buscam salvação!



## XIII.

Chegára a vez dos homens de Caxias.  
 Zenóbio, encarna o Marechal Argolo!  
 O Exército da FEB, como um rôlo,  
 vence as escarpas e os espinhos nus;  
 Avança! Avança! – brada Mascarenhas  
 Quero esta fortaleza conquistada  
 e a flâmula auri-verde desfraldada  
 pela grande Nação de Santa Cruz!

## XIV.

Mais renhida e feroz travou-se a luta.  
 Monte Castelo, em peso, na emboscada,  
 bramia como a vaga encapelada,  
 ao troar da metralha e do canhão;  
 Entre o fumo a subir, ninguém sabia  
 se o Monte era um incêndio de Atalaia;  
 se era a histórica ponte paraguaia;  
 se era Zenóbio – o General Gurjão!



## XV.

Frente a frente, os obuses e as granadas  
 que os batalhões em furia vomitavam  
 sacudindo a montanha, contrastavam  
 com a quietude cristal do rio Pó!  
 O próprio céu chumbado não sabia,  
 ante o drama tão trágico e tão belo,  
 se era o Itororó – Monte Castelo;  
 se era Monte Castelo – o Itororó!

## XVI.

A tarde, quando o sol nas fímbrias rubras  
 da longínqua paisagem do ocidente,  
 abriu seu leque igualitário e quente,  
 e a noite veio, lânguida e sutil,  
 no píncaro de um monte ensanguentado,  
 uma nêsga adejante e inatingida  
 escutava a homenagem merecida:  
 – Vitoriosa Bandeira do Brasil!



## XVII.

Monte Castelo estava dominado.  
Seguiu-se, então a esteira das conquistas  
e outras novas vitórias imprevistas  
cobrem de glórias o Pracinha herói.  
Castelnovo, Montese, Zoca e Tole;  
Em Formígene, em Parma, novas glórias.  
Em Colechio e Fornovo, as divisórias  
dos inimigos o Escalão destrói!

## XVIII.

Culminando as vitórias em Piacenza,  
em Cremona, em Lodi e Alessandria!  
Turim e Suza – o palco da alegria,  
o final da arrancada varonil!  
Forte, incansável, sobranceira, estoica,  
– Força Expedicionária da Esperança  
A FEB recebeu da heróica França  
O abraço fraternal para o Brasil!



## XIX.

Não era o derradeiro cumprimento;  
 Não era o último adeus que ali trocavam,  
 pois, se ao Brasil mil bravos regressavam,  
 outros dormiam no gelado chão;  
 No triste Campo Santo de Pistóia,  
 construíram escadas para a Glória  
 e escreveram nas páginas da História  
 o episódio imortal de uma Nação!

## XX.

Silêncio, coração! Silêncio, ó cruzes,  
 marcos onde as estrêlas se debruçam  
 e em cujos braços tantas mães soluçam  
 de saudade do filho que tombou!...  
 Silêncio, carrilhões, clarins e trompas!  
 Ali dorme o Brasil, em plaga estranha,  
 perpetuando no ventre da montanha  
 a liberdade, a paz que conquistou!...



# XXI.

Em defesa da Pátria estremecida,  
fique um braço, uma perna, um tronco morto;  
Se não morreres, sobre-te o confôrto  
de uma vitória, em cada cicatriz!  
Volte apenas o cérebro que pensa,  
enrolado num trapo de Bandeira,  
glorificando a terra brasileira  
e revendo-a mais forte e mais feliz!

Belém-PA, 8 de Maio de 1953



.....  
**RODRIGUES PINAGÉ**

da Academia Paraense de Letras  
.....



Acervo Digital  
**Pracinhas da Amazônia**